

Peneirando Nossa História... História Nossa...

**História Brasileira
Iporanga (SP)**

Aparecido Moura de Lima

 **Pedro & João**
editores

Peneirando Nossa História...
História Nossa...
História Brasileira
Iporanga (SP)

**Aparecido Moura de Lima
(Cidão)**

**Peneirando Nossa História...
História Nossa...
História Brasileira
Iporanga (SP)**

Copyright © Aparecido Moura de Lima

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Aparecido Moura de Lima

Peneirando Nossa História... História Nossa... História Brasileira - Iporanga (SP). São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 93p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-65-265-0312-6 [Impresso]
978-65-265-0313-3 [Digital]**

1. Nossa história. 2. História brasileira. 3. Iporanga-SP. 4. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – 800

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2023

E ai Neguinho?

E ai?....

Fala para mim como está o trabalho...

Já terminou?

O que vai fazer mais Neguinho?

Pode contar comigo

Frases do Sr. Nadier J. Mota que incentivaram Cidão a fazer o presente resgate, com as histórias que ele mesmo tinha ouvido de seu bisavô, pioneiro da região.

Dedicatória

Dedico este livro a todos que acreditam num futuro melhor,
Aos meus filhos, amigos, parentes, irmão, pai, mãe e ao meu
Grupo de Trabalho.

Apresentação

A presente obra, de grande valor histórico e cultural, é fruto do trabalho do Cidão, como é mais conhecido, e demais colegas seus de Iporanga, a partir da reunião de histórias dos antigos da região.

É fruto de um importante resgate histórico, motivo pelo qual o texto foi mantido mais próximo do original, como escrito pelo autor, para que seja registrado, também, o jeito de falar do povo de Iporanga e Vale do Ribeira.

O ponto alto são as histórias dos antigos de Iporanga, através das quais, sabe-se mais dessa região tão especial, e como se estruturou o povo que ali vive de forma tão peculiar. Mas tem também lembranças de tempos recentes...dos mutirões, da casa de farinha e monjolos que se moviam, junto com seu povo.

Com certeza, depois de sua leitura, ao visitar a Gruta Morro Preto, no seu alto portal, vão ficar imaginando os Tupiquiniquim observando “as gente” estranhas que chegavam na região, sem saber como seria o futuro.

Não terá como observar o Rio Iporanga desaguando no Rio Ribeira, sem imaginar a bela moça, chamada de Iporanga, banhando-se em suas águas o que, sendo fato histórico ou não, precisa ser verificado, mas enriquece o imaginário da região. Mergulhar nas águas geladas do Rio Betari, sem deixar de se lembrar da curandeira, que usava suas águas para seus remédios, águas essas, posteriormente

usadas para batismo, na evangelização que passou a dominar na região.

Conhecíamos as cavernas e cachoeiras da região. Agora vamos conhecer seu povo e suas histórias, tradições...muitas já perdidas.

É o que esse livro nos proporciona. Através dele, as belezas da região e do PETAR passam a ter um valor histórico e cultural que se entrelaça na soberba vegetação e se aprofunda, em suas cavernas e abismos.

Paulo César Boggiani

.. terra de indígenas, o Bairro da Serra passou a ser colonizado no século XVI, com a exploração do ouro. Antes era ocupada por indígenas, como comprovam os sítios arqueológicos, datados em 4.000 anos.

O Bairro da Serra teve sua história econômica baseada na agricultura de subsistência, no extrativismo do palmito e na mineração (ouro e chumbo), com poucos habitantes, em grande parte rural, manteve importantes tradições culturais, como na arquitetura, no artesanato e na agricultura. O desenvolvimento do bairro começou com alguns aventureiros e sonhadores como o caso de Leonardo da Motta. A lenda ainda é recordada pelos mais idosos do bairro. Num tempo em que a pequena povoação vivia debaixo de uma grande floresta, sem estrada, sem luz elétrica e sem comunicação. O contato de um vizinho era bem distante do outro, o caminho para chegar, até um próximo era cheio de raiz, cipós e recoberto de folhas grande, que caíam dos troncos das árvores nobres da nossa região. Até o nascimento de uma criança era feito no local mesmo, por algumas mulheres que eram parteiras e andavam quilometro de distância para realizar sua missão.



Maria Bueno de Camargo – parteira

Já as mortes, além de triste, tinha o esforço do transporte do corpo.

Eram sofridas, com mais de dez pessoas, a comunidade se unia para transportar até Iporanga, num tipo de transporte conhecido como banguê.

Os registros desses sofrimentos ficaram nas beiradas do caminho, que virou a antiga estrada que ligava a Serra à Iporanga. Nas beiradas desta antiga estrada era feito um

pequeno ponto, um ponto onde paravam para descansar do peso do corpo carregado. Nesses pontos eram colocadas estacas ou cruzes, para que o lugar não ficasse assombrado pelo espírito do morto.

Com o passar do tempo estas estacas ou cruz brotaram e viraram árvores, como o cedro.

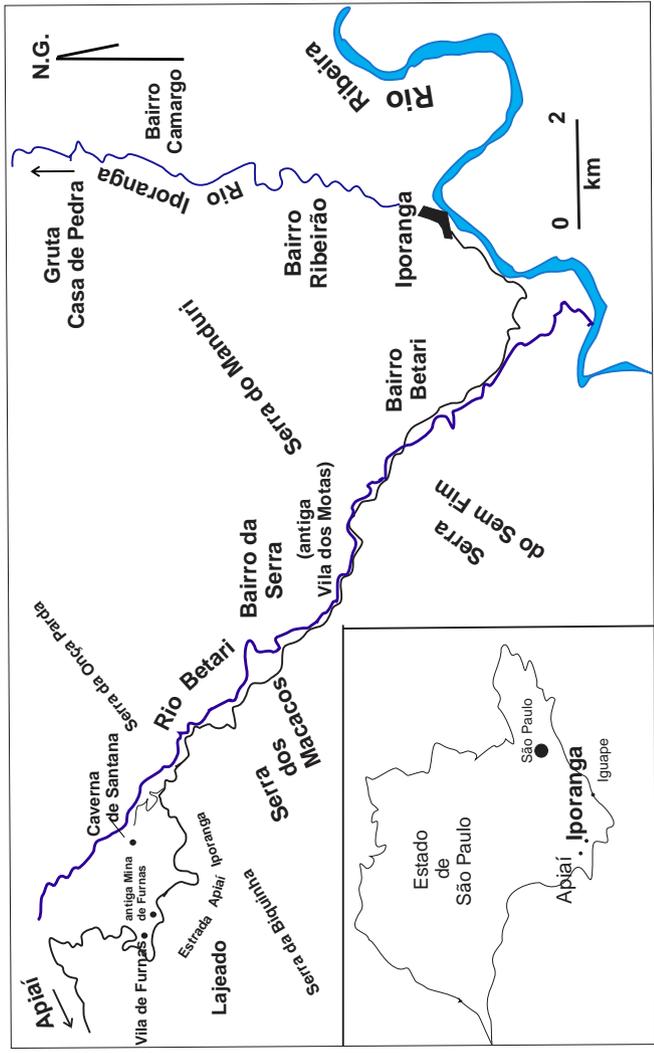
Alguns demarcava estes lugares com mudas de laranjeiras, jabuticabeiras, figueiras e outros.

As famílias foram se misturando e o vilarejo foi crescendo. O povo aqui tinha muito medo das ventanias que aqui fazia, em época de chuva, das tormentas e dos raios que abria pelo meio, árvores como o jatobá. Em épocas de tempestades, os mais idosos do que o nossos idoso, usavam o machado ou dois podão para cortar e silenciar a tempestade que vinha roncado entre meios do vale.

Usava uma forma de sinais religioso para acalmar os grandes temporais.

A frase ditas era: “ Pelo o poder Deus, pai e criador do universo e da terra, leve este mal que se ameaça de acontecer para o fundo do oceano, e nos proteja com seu manto sagrado, contra as fúrias da natureza. Amém.

Depôs desta frase dita era deixado ali o machado cravado em um troco, ou o podão cruzado em forma de cruz, no meio do terreiro.



Localidades mencionadas no texto (com base na Carta Topográfica 1:50 000 do IBGE - Folha Iporanga)

Sumário

Os Tupiniquim	17
História dos Tupiniquins no Alto Vale	19
História dos Tupiniquin e dos Motta.....	21
A colonização	23
Com suor, dor e sangue, ergue-se a história do Vale do Ribera	25
A Transformação do Vale do Ribeira	27
Iporanga – Capital das Grutas, aqui começa a nossa história.....	29
Porque Iporanga	33
Porque Serra dos Macacos (Macaquinho).....	35
Porque Betari.....	37
Iporanga, sua gente...sua história.....	39
Joaquim de Matos (Bujiu).....	39
Isaura Moradora Local.....	40
Antonio Rodrigues da Motta	42
Dona Isidoria Dias da Motta.....	44
Isidoro Monteiro.....	46
Manoel Marques Guimarães.....	49
Nilton Rosa Pinto.....	51
Sr. João Motta	52
Benedito Rodrigues (Bene).....	53
Sr. Daniel Rodrigues da Motta	55
Sr. Joaquim Franco	57
Martinha Dias de Moura	59

Dona Judite Motta Rodrigues	61
Dona Luzia Dias dos Santos	62
Dona Delfina Dias de Andrade	64
João Elias Daitx	66
Quer dar uma gargalhada com seu João Gaúcho?	68
Família Rodrigues	69
Dona Dionísia Rodrigues	71
Quer dar uma gargalhada com seu Sinésio?	72
Odorico Alves de Lima	73
Arabelo da Silva.....	74
A Lenda do Neguinho D'água	77
Iporanga e seu jeito próprio de falar assim como em grande parte do Vale do Ribera.....	85
Benedito Dias Rodrigues.....	87
Missão concluída	89
Sobre o autor	91

Os Tupiniquim

Os Tupiniquins, nômades habitantes da Mata Atlântica, conhecedores da riqueza e das belezas naturais da região, se afastaram das areias da praia onde viviam muito felizes e migraram para dentro da Mata Atlântica, subindo o rio Ribeira de Iguape, por causa da chegada dos piratas portugueses e outros aventureiros que vieram explorar as riquezas.

Algumas destas tribos do Vale do Ribeira escolheram a região de Iporanga, justamente para ficarem isolados e protegidos de qualquer agressão. Num lugar com bastante dificuldade de acesso, os rios e as montanhas eram os únicos pontos de referência para se orientar. Moravam em grupos e foram também os primeiros habitantes de cavernas no Vale do Ribeira.

Alguns usavam as cavernas para morar e guardar seus equipamentos de caça e de trabalho rituais. Procuravam deixar guardado nas cavernas tudo o que consideravam de valor sentimental, deixando em lugares de difícil acesso, e longe de suas habitações, como na caverna Morro Preto. Transitavam pelo rio Betari a pé pelas serras ou por canoa, feita de uma madeira chamada de Guapiruvú. A cobiça dos índios por esta madeira era pelas condições que ela fornecia, depois de formada, sua característica é de uma madeira grossa, leve e fácil de ser trabalhada. Usar esse tipo de madeira, era uma das estratégias destes índios para sua navegação, usada para

caçar e pescar. Por ser leve, permitia transportar mais carga, e seria mais ligeira e silenciosa. O silêncio era considerado para eles uma forma de proteção, pois usavam a observação nas matas, para sentir o afinamento do som da natureza.

História dos Tupiniquins no Alto Vale

Teve uma ocasião, com o passar do tempo, que esta pequena tribo ficou aflita ao ver o que estava rodando no rio Betari, foi aí que perceberam que alguma coisa ia acontecer com eles e com a mãe natureza.

Um fenômeno estranho começa acontecer, as águas do rio Betari trocaram de cenário, o que não era de normal estava acontecendo, tronco de madeiras, cipós, bromélias, guaragatás, jacareiros, samambaias açu, orquídeas, e muitas folhas de várias espécie de planta nativa estava sendo picotada e levada pelo rio.

Foi quando os índios já estavam sabendo que algo muito estranho logo ia acontecer, algo muito poderoso que iria tirar o sossego, tímidos, inocentes, sem armas e prática para se defender de tanta agressão, que estava sendo feita a natureza, tiveram que ser passivos e amigo dos seus inimigos, que estavam chegando para mudar toda história de uma civilização adaptada na natureza, não puderam fugir e nem lutar, mais resolveram ficar e esperar para ver o que estava vindo ao encontro deles.

História dos Tupiniquin e dos Motta

Vindo de uma colonização de escravo da região de Faxina, atual Itapeva, O Sr. Leonardo da Motta chefe de liderança e fazendeiro, resolveu e descer o Vale do Ribeira. Ele tinha um sonho de cultivar outras terras e conhecer outros habitante da região.

Leonardo da Motta saiu de Faxina com 13 escravos, 1 capanga, chamado José dos Reis, e seu filho Antonio da Motta com apenas 14 anos, em busca de esperança, sonhos e de um caminho que os levasse ao um curso de algum rio que o levasse até o mar.

Resolveram então descer o Rio Ribeira. Levaram com eles também variedade de sementes na esperança de encontrar um lugar para cultivar.

Chegando na localização de Apiaí, conseguiram obter um ponto estratégico para se orientar. Encontraram o Rio Mirim, e usaram ele como navegador, e chegaram nas cachoeiras do rio Betari, ficando encantados em ver tanta beleza, e continuaram sua missão até uma civilização indígena no meio do nada.

Com sua chegada a situação foi frustrante para ambas partes. Os índios se sentiram acuados, ficando na deles, sem poder fazer nada, a não ser observar a movimentação. O Sr. Leonardo da Motta e outros que o acompanhavam nem imaginavam de estar sendo observado, só deram conta disso quando realmente estavam próximo a suas habitações. Além de outras

localidades de moradia, usavam também a caverna do Morro Preto, considerada estratégico ponto de observação, pois permitia ficar perto dos inimigos, sem que eles fossem percebidos, era mais fácil de observar e ver entre as folhas das árvores, tudo que acontecia nas margens do rio Betari abaixo.

A colonização

A região do Vale do Ribeira, antes ocupada pelos nativos, tem sua colonização iniciada em Cananéia, no litoral, por onde vieram os Jesuítas com sua missão de catequização.

A missão dos Jesuítas no litoral de São Paulo foi iniciada em 1554, ao tempo dos padres Leonardo Nunes (Abarebebê o padre voador), Diogo Jácome, Pedro Correia e João de Souza. O padre Manoel de Paiva esteve em Iguape em 1554 com o padre Leonardo Nunes, e percorreram toda costa litorânea do sul de São Paulo.

Em 1554 foi celebrada a primeira missa na Vila de Iguape. No final desse mesmo ano, os padres Pedro Correia e João de Souza foram mortos pelos Tamoio, no sertão de Cananéia, retratado pelo pintor Benedito Calixto com a pintura “Os mártires de Cananeia”.

Somente depois de Anchieta e Nóbrega estabeleceram a paz com os Tamoios de Ubatuba, em 1556, as missões jesuíticas tiveram prosseguimento, apesar das resistências por parte de alguns colonos contrários aos jesuítas, por defenderem os indígenas.

O interesse na região se devia ao ouro, talvez sendo o Vale do Ribeira a primeira região de sua descoberta no Brasil, momento em que a então chamada Vila de Nossa Senhora das Neves conheceu o seu primeiro ciclo econômico. Esse período caracterizou-se pela descoberta de ouro no afluente do rio Ribeira de Iguape que tornou

alvo do interesse de muitos que vinham de toda parte buscando riqueza. Com esse grande interesse foi fundada a primeira Oficina Real de fundição de ouro do Brasil, por onde passava o ouro extraído rio acima.

Com suor, dor e sangue, ergue-se a história do Vale do Ribeira

Os escravizados africanos começaram a ser trazido para a Vila de Iguape a partir da primeira metade do século XVII.

O cotidiano dos escravizados era sofrido, passavam todo o dia com os pés dentro da água, suportando o calor sufocante, passado continuamente as bateias, nas quais, quando a sorte ajudava, aparecia algumas gramas do cobiçado metal.

A mineração do Vale do Ribeira sempre foi pouca, mas teve importância e gerou fortuna. Alguns dos sobrados construídos no centro histórico de Iguape datam dessa época.

Com as notícias da descoberta de jazidas de ouro mais produtivas, em Minas Gerais, os mineradores, abandonam a região.

Com a decadência da mineração aurífera, a partir do final do século XVIII, tem início o ciclo do arroz, mantido também com grande contingente de escravos.

Os escravos que cometessem infrações eram condenados ao pelourinho, que a princípio se localizava em frente ao antigo prédio da Câmara, demolido em 1827, para ampliação da igreja do Bom Jesus, então em construção. Como o açoitamento dos escravos perturbava as sessões da Câmara, os vereadores decidiram transferir o pelourinho para fonte do Senhor, onde os negros

costumeiramente realizavam seus batuques e folguedos. Já os crimes mais graves eram punidos com a forca.

Há registro de uma frustrada revolta de escravos na Vila de Iguape. Os escravos pretendiam, no natal de 1840, matar todos os seus senhores. Mas o plano foi descoberto no dia 22 de dezembro. Abortada a tentativa, os senhores assustados procuraram o Juiz de Paz Francisco de Oliveira Muniz, que conseguiu descobrir os cabeças da malograda revolta.

Alguns escravos foram presos, sendo outros soltos logo em seguida. Muitos receberam a carta de alforria, para que não fossem açoitados, como mandava a Lei da Chibata, de 1838. Ao que tudo indica, os senhores tinham receio de manter em suas senzalas negros revolucionários.

A Transformação do Vale do Ribeira

Alguns anos após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, que libertou os escravos negros, começou a chegar ao Brasil uma grande quantidade de migrante em busca de trabalho e de uma nova vida. O Vale do Ribeira foi alvo de muitos desses imigrantes.

Em Iguape podemos destacar a imigração japonesa. Japovura (Gipuruva) foi o primeiro assentamento criado por imigrantes japoneses no Brasil, no início do século XX. Durante muitos anos, manteve uma boa infraestrutura, com lojas, três escolas, um pequeno teatro e uma igreja católica.

A comunidade japonesa tinha sua economia baseada na produção de arroz, farinha de mandioca e cachaça em alambiques. Atualmente, a maioria dessas casas estão em ruínas, mais existem alguns moradores que preservam a cultura do lugar.

O acesso ao Japovura dá-se pela estrada do bairro Jairê e em travessia pelo rio Ribeira de Iguape. Uma das características marcante desse povoado é a construção das casas, combinando a técnica da taipa local com acabamento japonês.

A primeira leva de imigrantes que veio ao Brasil foi gradativamente fixada em diversa fazenda do Estado de São Paulo. Ao contrário do que esperavam, a vida no Brasil se mostrou muito difícil. Nestas fazendas formaram-se verdadeiros núcleos de colonos. Esses

imigrantes receberam pouco apoio do Governo. Só em 1913 as autoridades brasileiras se conscientizaram da necessidade de receber dignamente os japoneses aqui chegados e instalá-los, dando condições para seu desenvolvimento pessoal e material.

Foi quando se teve a ideia de fundar uma colônia especialmente para receber uma leva de imigrante que seria administrada pelos próprios colonos.

Iporanga – Capital das Grutas, aqui começa a nossa história

Situada no Alto Vale do Rio Ribeira de Iguape, Iporanga é uma das mais antigas povoações do Estado de São Paulo, surgida no século XVI com a exploração do ouro. Além disso, como comprovam vários sítios arqueológicos com mais de 4.000 anos, a região já era ocupada por grupos indígenas. No final do século XVIII o antigo arraial, situado 6 km rio Iporanga acima, se transferiu para o sítio atual na foz desse rio com a Ribeira. Sua Igreja Matriz, foi construída entre 1814 e 1821 e cercada por um belo casario colonial que, em 1979, foi tombado como Patrimônio Histórico Estadual.



Cidade de Iporanga, erguida na margem esquerda do Rio Ribeira de Iguape, na confluência com o Rio Iporanga, durante as lavras de ouro.

Transformada em município a 12 de janeiro de 1874, Iporanga teve sua história econômica baseada na mineração (ouro, chumbo e calcário), na agricultura de subsistência e no extrativismo do palmito. Com uma população com cerca de 5.000 habitantes, em grande parte rural, manteve importantes tradições culturais na arquitetura, no artesanato, na agricultura, no modo de vida e nas festas religiosas como as romarias e a festa, realizada a cada dia 31 de dezembro.



O Casarão Colonial em Iporanga

Porque Iporanga

Iporanga, na língua indígena, significa rio bonito, e assim ficou conhecida uma escrava que, sem ser vista, era observada quando ia se banhar às tardes, no ribeirão conhecido por esse nome.

Todos passaram a chamar a escrava de Iporanga, por que ela tinha um lindo corpo torneado e isso fazia com que eles ficassem admirados com aquela cena no rio, onde a paisagem, naquela época, servia de cenário.

A informação era passada de um para outros, através de comentários com o nome Iporanga, e com essa dica, todos os índios já sabiam que era a senha para assistir a cena, que originou o nome daquela escrava.

Com a morte do Sr. Antonio da Motta, Dona Maria Prudência ficou com medo de dois escravos que ela tinha, pois judiava muito deles, o escravo André e a escrava Iporanga, pois além de eles trabalharem todos os dias forçadamente, eles eram muito mal tratados por ela.

Com medo de ser assassinada por eles, mandou seu filho Jeca da Motta dar o fim aos dois escravos. Ambos foram jogados em um abismo, que passou se chamar abismo André. Moradores antigos contam que pesquisadores de caverna encontraram ossadas de seres humanos, sendo um de sexo feminino. A escrava foi arremessada viva no abismo, e de lá gritava pedindo ajuda, mas todos tinham medo da Dona Maria Prudência e nada fizeram.

Contam, os mais antigos, que naquela época, no cair da noite por volta das sei horas da tarde, as pessoas ouviam gemidos e grito naquele lugar, fazendo eco pelos vales. Todos tinham medo de chegar perto.

A vida de seu Antônio da Motta e de dona Maria Prudência era de muito trabalho. Eles tinham roça, animais, galinhas, cabritos, porcos, moenda de cana (engenho) e um alambique de pinga. O alambique ficava próximo a um rio de água quente e, por isso a pinga ali produzida era chamada de Pinga de Água Quente.

Um das filhas de Dona Prudência, Ana da Motta, não aceitava o que acontecia na fazenda e decidiu se afastar da família. Juntou-se com o português Antônio Denis da Costa e foram morar em um lugar que ficou conhecido por Paçoca, dado o costume do Sr. Antônio de fazer paçoquinhas de carne de caça ou de amendoins socado no pilão, para comer na roça e nas viagem que fazia pelo sertão. Os viajantes tinham por hábito parar por ali, para tomar água e comer suas paçoquinhas.

Ana da Mota e o Sr. Antônio Denis da Costa tiveram um filho, chamado Pedro Jorge da Motta que se casou com Dona Ledoina do Santos Motta e cultivaram bastante o lugar, onde formaram sua família. Um dos seus filhos se chamava Nadier Jorge da Motta nascido no dia 10 de outubro de 1936, e que muito manteve da história do Bairro da Serra, do que ouvia de seu bisavô.

O vilarejo, após a história triste dos escravos que foram jogando no abismo do André, se dividiu em dois. De um lado do rio Betari ficou como Vila dos Mota e do outro lado Serra do Macaquinho.

Porque Serra dos Macacos (Macaquinho)

Serra do Macaquinho tinha esse nome porque o escravo André e a escrava Iporanga eram mal tratados e eram chamados de negros e macaquinhos.

Depois de serem jogados no abismo, nas proximidades do vale Aberto do Leão (Aberta Funda), houve uma divisão na vila, de um lado do rio passou a se chamar Vila dos Motas e o outro Serra dos Macacos (Macaquinho).

A população da Vila dos Mota foi crescendo com as raças se misturando e o progresso, vindo com a estrada e a exploração do lugar. Os contos de fada e a riqueza histórica ficaram na mente dos mais idosos deste lugar O rio Betari que não era só fonte de cura para a tribo Tupiniquim, ele também era o meio de orientação e navegação na época, quando o volume do rio permitia o transporte por canoa. Os índios flutuavam pelo rio bem silenciosos, chegando até se camuflar entre as folhas das matas. Andavam muito longe atrás de artefato para seus trabalhos e atrás de comida, foram os pioneiros da região.

Porque Betari

Dentro de qualquer tribo sempre tem os curandeiros(as), os caciques, e no caso desse pequeno grupo de índios era uma curandeira, que vivia fazendo diversos tipos de remédios, para cura de várias doenças. Ela era a própria cobaia, usava a água do rio Betari para fazer remédio, por isso os índios deram o nome da índia para o rio. Antes de preparar qualquer remédio ela tomava um chá quente do cipó de capim associado com chá de crona e café de bugre, este chá era também uma espécie de remédio usado para seus trabalhos religiosos e para buscar a curar. Ela tinha uma filha que a acompanhava por todos os lugares que ela ia, e também no passar do tempo a indiazinha herdou o nome de sua mãe (Betari).

O Sr. Leonardo da Motta vivia sem conflito com a os índios do local. Observou que as várzeas do Bairro da Serra era bom lugar para cultivar, ali ficando por 8 anos, interrompendo sua trajetória para o mar. Dali voltou para Itapeva para se tratar, pois estava com problema de saúde, deixando seu filho Antnio da Motta com 22 anos e 6 escravos para continuar cultivando o lugar.

Leonardo da Mota não conseguiu chegar até sua terra natal, tendo morrido no caminho, frente à sua avançada malária.

Os escravos que os acompanhavam ficaram com medo de serem culpados de sua morte na trajetória. Resolveram então esquarterar seu corpo e jogar em vários

lugares para ninguém achar. A cabeça foi jogada dentro de um abismo, conhecido como Abismo da Estrada, que liga hoje a estrada Iporanga Apiaí. Depois fugiram para uma região chamada Cangume.

No tempo que o Sr. Leonardo viveu na região, conheceu também povos indígenas que viveram nas proximidades da caverna Casa de Pedra, onde também existia uma pequena senzala e jesuítas, que comandavam o povoado e exploravam ouro e cultivavam a terra.

Através do Sr. Leonardo Motta, os jesuítas ficaram sabendo de indígenas que nas proximidades da caverna Santana, guardavam suas riquezas dentro da caverna Ouro Grosso. Para lá se dirigiram e dizimaram os índios.

Antes desse massacre, o Sr. Leonardo e seu filho Antônio da Motta tinha convívio tranquilo com os indígenas. O filho Antônio se apaixonou pela filha da curandeira Betari, e havia escapado do massacre, com a qual se casou e tiveram 13 filhos. O Sr. Antônio da Mota deu o nome de sua mãe para a Índia com a qual se casou, que passou a se chamar Maria Prudência. Alguns a chamavam de Sinhazinha Prudência, ela não tinha o sobrenome Motta por que a família de Sr. Antônio era judia e judeu não podia misturar seu sangue, mas os filhos de Sr. Antonino foram registrados com o sobrenome Motta, nome muito comum no Bairro da Serra.

No antigo arraia de Iporanga o pai de Sr. Antônio da Mota, Sr. Leonardo, teve uma recompensa por passar a informação sobre as riquezas dos índios nas proximidades das cavernas. Ele ganhou dos Jesuítas uma escrava, que dava muito trabalho para eles, ela atraía os índios para rio quando ela ia se banhar. O nome dela...Iporanga.

Iporanga, sua gente...sua história

Nesta parte desse resgate histórico, é dado espaço aos antigos de Iporanga, que fizeram nossa história.

Joaquim de Matos (Buiju)



Nascido em novembro de 1947, Buiju é filho de Dona Joana Dia de Almeida e Benedito Antonio de Matos. O Sr. Joaquim é casado com a Dona Anisia Rodrigues Denis, e tiveram seis filhos e criaram mais quatro.

O Sr. Joaquim conta histórias dos velhos tempos, quando seu coração tremia, por volta das seis da tarde, quando faziam as detonações, na Mina de Chumbo de Furnas. Detonações que faziam tremer a terra,

produzindo um som forte, choco e encubado, fazendo todos os tipos de animais silenciar, deixando só espaço para o piar da sábia loca, lá no fundo do cafundó.

Depois desses momentos, percebeu a transformação que seria o seu lugar. Passaria a ser visto mais não reconhecido, e para sermos visto, temos que lutar em pró da natureza, como os verdadeiros ambientalistas.

Isaura Moradora Local



Tradicional do Bairro Serra, Isaura tem seu passado refletido em lutas e batalhas, sem infância, sua

adolescência ficou em muito trabalho. Hoje a Isaura parece uma menina contando as histórias de seu passado. Dos conflitos de terra que tinha aqui no Bairro da Serra, da luta como menina nas roças de lavouras para poder comprar um vestido de chita e aquele antigo sapato. Conta da situação dos seus familiares que não era diferente de outras famílias que aqui moravam antigamente. Seu pai trabalhava com lavoura onde ensinou para todos seus filhos o cultivo da terra. Dona Isaura conta que a coisa mais gostosa naquele tempo era quando ouvia seu pai falar em ir caçar, pois já fazia sua encomenda, que era a cabeça de macaco para comer cozido e chupar seu cérebro, que era umas das partes mais gostosas do animal. A outra parte era a mão do macaco que era cozinhado no arroz, que dava dó em ver aquela mãozinha estendida no meio do arroz, mais enquanto estava no passado, cada dobra e junta era apreciadas por todos os caçadores. Isaura hoje é casada com o Jamil Motta, mecânico no Bairro da Serra, mãe de 3 filhos, e continua lutando de uma maneira totalmente diferente que era antes, faz artesanato e é defensora da natureza. Seus trabalhos são lindos, trabalha com taquara e faz de tudo para o sustento da família.

Antonio Rodrigues da Motta



O Sr. Bento Rodrigues da Motta morava no Passa Vinte. Foi pai de Maria da Motta, que casou com seu Pedro Deniz, e uns dos filhos de Dona Maria com seu Pedro foi o seu Artur Rodrigues casado com Dona Izidória da Motta, que também tiveram filho com nome de Antônio Rodrigues, que casou com 19 anos com dona Antônia da Motta Rodrigues que tinha 17 anos. Ela foi filha de Alfredo da Motta Barbosa e Dona Maria Gonçalves de Andrade, filha do seu Quintino Gonçalves de Andrade e dona Flausinda da Motta. Seu Antônio e Dona Antônia, tiveram 13 filhos, (Jurema, Amir, Maria Conceição, Áurea, Geremias; Alexandre, Adir, Admir, Elani, Paulo, Ozir, Sebastião). Seu Antônio trabalhou na lavoura e com o passar do tempo passou a trabalhar no DER, companhia de estrada e rodagem. Seu Antônio acha que nosso lugar se transformou muito, devido à entrada do parque, reconhece que para alguns setores ajudou bastante, mais prejudicou na cultura local. Acha que aqui

deveria ter um posto policial para controlar mais o vandalismo, e acha que deveria ter mais projeto para resgatar nossa cultura local, ensinando os jovens as coisas boas da vida. Seu Antônio e Dona Antônia contam algumas histórias do vilarejo, como a igreja católica que tinha reza uma vez por mês, do antigo cemitério de crianças aqui no Bairro, e do seu Guilherme da Motta que conseguiu ganhar de uma araponga, derrubando um homem no chão ao imitá-la, fato que aconteceu no bar do seu Osvaldo em Iporanga. Antônio Rodrigues da Motta Morava com Dona Antônia numa antiga casa, chamada de casa da farinha, onde toda comunidade utilizavam para praticar suas cultura local. Ali faziam, a farinha de mandioca, goma, bijus, rapadura, melado e variedade de produto cultural aqui existente. Nesta casa, quando a comunidade se encontrava para fazer seus trabalhos culturais, para Sr. Antônio e Dona Antônia era aquela grande felicidade, pois formavam uma forte corrente de união onde todos eram felizes e davam muita rizada das brincadeiras e das coisas que acontecia e ali mesmo, usado como ponto estratégico para decidir o próximo mutirão. Atrás desta antiga casa da farinha passa o córrego do monjolo que também fazia parte da história da comunidade local do Bairro da Serra, uma história que se acabou com o piscar de olhos.



Casa da Farinha no Bairro da Serra, local de encontro dos moradores.

Dona Isidoria Dias da Motta



Casada com Sr. Vitor Rodrigues da Motta, mães de seis filhos moraram no Macaquinho, possuíam 10 alqueires de terra. Devido à entrada do parque, saíram de

suas terras e foram morar no centro do bairro, compraram três alqueires de terra com uma casa. E esta casa era a coisa mais linda e moderna da região, seu estilo colonial o ripamento do telhado eram feitos da madeira da Jussara, suas colunas eram do puro e duro serno, suas paredes eram barreadas com as terras do terreiro e as telhas eram feitas nas coxas.

A história dessa construção ela não se recorda, mas para ela o importante é estar vivendo hoje bem e numa casa diferente que a outra do passado. Com falecimento de seu marido, ela recorda e sente o passado, em que ela esperava seu Vitor Rodrigues da Motta, voltando da roça.

Dona Isidoria, quando ainda jovem, foi picada de cobra e foi curada por um senhor chamado Candinho, que fazia remédios caseiros na época. Ela dizia que ele morava lá no fundo do Cafundó, que era um modo de dizer lugar longe, onde se escuta o piar do sabiá louca.

Ela comenta sobre a política do nosso lugar que é cheia de tanta promessa e muito interesse, diferente da política do antigo PMDB contra a ARENA. Ela torce para que um dia o rio Betari volte como era antes, cheio de peixe e a água mais limpa. Ela achou muito estranho, mas ficou muito contente desse nosso trabalho, pois ela gostaria de contar essa história para algumas pessoas, mas sempre não tinha tempo e ninguém se preocupava com esta história do passado. O grande segredo de Dona Isidoria, no passado, era de ter medo de fantasma. Ela conta que seus pais falavam que na região da Aberta Funda tinha um espírito alma sem destino, que ficava gritando no meio do mato, e o que dava para se entender que era um chamado por socorro. Ela explica que na época de seus pais, a magia e as feitiçarias eram muito

aplicadas por algumas pessoas que acreditavam num outro poder supremo, além de Deus.

Isidoro Monteiro



Nasceu na mãos de Dona Gertrudes, parteira do lugar, no dia 31 maio de 1921 no Camargo, filho de Dona Dolores Pedrosa de Oliveira e do Sr. Joaquim Monteiro. O Sr. Isidoro gostava muito de seus avós João Pedroso de Oliveira e Dona Inácia Monteiro. Ele conta que bebia muito leite de cabra quando era criança, seus pais viviam da lavoura e com 12 anos ele passou a trabalhar com eles também. Antigamente eram poucos os moradores que moravam aqui, ele recorda de alguns amigos da família como Sr. Catarino de Mato, o Sr. Quintino Andrade, pai do Sr. Lico de Andrade, Sr. Zé Chumbo, Julia de Andrade, Pedro Cavalheiro, Benedito Cavalheiro e Alcides Raimundo. Com a morte dos seus pais, a família começou a se espalhar e Sr. Isidoro resolveu morar na Vila dos Mota, hoje Bairro da Serra. Recorda da vida sofrida que

era trabalhar com roça, pois elas eram feitas bem longe de sua casa, por causa das criações que eles tinham, como cavalo, porco, cabrito, galinha, pato, galinha de angola e peru. De algumas coisas eles eram muito felizes, ali eles produziam de tudo, só iam para cidade de Iporanga, de tropeiro, para vender sua mercadoria e para comprar apenas querosene, sal, roupas, calçados e, algumas vezes, remédios. Pois o resto eles produziam em casa, como sabão de cinza, farinha de mandioca e outros. Segundo ele, chegavam a produzir um alqueire, referente a 40 litros, de farinha de mandioca e uma quarta de farinha de milho, referente a 10 litros. Quando eles iam para roça, eles não tinham horário para voltar, de manhã ao sair, eles se alimentavam bem, comiam aquele viradão de feijão, com uma caneca grande de café com leite de cabra, depois colocavam o cesto nas costas e iam para o trabalho. A equipe era composta pelo Sr. Joaquim Monteiro, pai deles, Lourenço, Benedito, Bastião e Gonçalo. As mulheres ficavam em casa ao comando de Dona Dolores Pedrosa de Oliveira que fazia a comida, e as filhas DonaTereza, que limpava o terreiro, e a Dona Pedrina tratava das criação e buscava água para casa. Dona Pedrina era casada com Sr. Antonio, Mestre, pai do Sr. Vandir marido de Dona Diva de Andrade (Pousada da Diva.).

Sr. Isidoro era quem levava a comida para os demais na roça, e a coisa que ele não gostava, era quando no caminho da roça acontecia dele pisar nos espinhos que encontrava. Estes espinhos tinham nome de pindá agulha, malícia preta, malícia vermelha. Além dos espinhos, tinha também as vespa, nhopenda conhecida por mamangava. Todos viviam da caça, comiam variedade de animais silvestre e o que era repetitivo, era a carne de macaco, que

era muito gostosa no arroz cozido. Com o passar do tempo, seu Isidoro casou com Dona Benedita de Mato, filha de Dona Catruz de Mato, e tiveram juntos dez filhos: Gonçala, João, Paulinho, Moises, Aguinaldo, Decinho, Alcides, Jane, Cezar e Bruna.

Isidoro Monteiro era conhecido por gorgônia.

Perguntei o porquê deste apelido, ele falou que foi o Sr. João Catarino de Mato que o apelidou devido a um outro senhor que morava em Bombas, que tinha o mesmo nome, só que quando alguém o chama pelo apelido, ele entende por gorgônia, que é gênero de uma forma de manifestar, socialmente e culturalmente, a identidade sexual do indivíduo. Por isso ele responde: “_eu ponho meu também”, e mostrou para mim onde fica o gorgônia, dei risada e falei que aquilo ali não funcionava mais, ele respondeu que até os 70 anos, ainda sentia o gorgônia dar uma levantadinha, e que esta levantadinha era resultado do leite de cabra que ele bebia quando era criança.

Disse que eu não vou chegar nem ao 60 anos, e nem o viagra vai me salvar, eu tinha que ter tomado bastante leite de cabra na juventude.

Sobre o turismo, acha que é uma das grande solução para nossa região, só que fica muito triste em ver a situação que se encontra hoje o rio Betari. Os bons tempos era a época em que ficava escondido no mato, para ver as mulherada batendo roupa nas beirada do rio Betari. Acha que o crescimento do bairro, o turismo desordenado...não se sabe se é para melhor. Outra coisa que ele não gosta é da polícia florestal, porque uma vez estava precisando muito de ganhar um dinheiro, para fazer compra para sua casa, e os florestais tiraram dele, escondido no mato, uma dúzia e meia de palmito, ainda bem que não o

encontraram. Disse que nunca vão encontrar - decidiu nunca mais cortar palmito. Esta tranquilo, é aposentado e a coisa que nunca o chamou atenção foi a política de nossa cidade que deveria de chamar de promessa. Deseja melhoria de vida para todos os moradores do Bairro da Serra e finaliza, dizendo para mim até logo meu sogro, meu sócio, num linguajar malicioso e ainda completa cerveja no meu copo.

Manoel Marques Guimarães



Nasceu 15 de dezembro de 1937, em São Paulo. Através de um funcionário da mineradora Furna, foi

como ele apareceu no Bairro da Serra. Ficou encantado com a bela paisagem do vale do Betari e então decidiu comprar um terreno aqui. O terreno que ele comprou era na biquinha, próximo ao núcleo Santana, onde tinha um pequeno vilarejo com Moradores como Dona Ditinha, Dona Antonia, Senhor João, Djalma e Nazaré. Este terreno era de senhor Agostinho, com este comprado ele passou a dedicar aos seus trabalhos de exploração de caverna, topografias e planta de casa. Foi uns dos primeiros a mapear a caverna Santana, e tirava a maior parte do seu tempo dentro das cavernas, aqui no Petar, a construção de sua casa era toda feita de tijolo, casa da antiga DER. Senhor Manoel tinha sua vida estável, cultivava suas terras e tinha empregados para ajudá-lo.

Foi Manoel Marques que descobriu o Salão das Flores, na Cavernas Santana, abrindo passagem entre os espeleotemas. Devido sua frequência em caverna, seu Manoel pegou tipo de doença uma friagem corporal que acabou levando a morte. Com sua morte, a esposa Carmosina de Queiros Guimarães resolveu morar em Iporanga, por causa da necessidade que a família estava passando. E com essa saída, e o andamento do parque na época, sua família perdeu sua terra, devido o mapeamento onde decretava ali área de preservação natural.

Nilton Rosa Pinto



Nilton conhecido como Niltinho monitor ambiental, contador de histórias antigas da cidade de Iporanga, rapaz jovem mais parecia que ele já era do tempo em que Iporanga vivia sua história colonial. Só ele tem o jeito de retratar nossas histórias do passado, foi guerreiro, lutador e defensor dos Quilombos. E toda sua história começou por uma escultura feita e lapidada pelas mãos dele, onde ele percebeu que deveria lutar com unhas e dentes pelo Vale do Ribeira. Niltinho tinha o maior carinho e ciúmes dos seus trabalhos, trabalho que nunca vai ser copiados mais sim, executado. Trouxe a comunicação e informação em aspectos de informar e esclarecer o povo de Iporanga que o caminho é a preservação. Procurou batalhar sempre para ajudar a cultura local de Iporanga, e toda classe social e ambiental, na sua entrevista ele falou que o rio Ribeira de Iguape seria o primeiro caminho que tinha que seguir, para dar certa a implantação da qualidade de vida

melhor. O sonho do Niltinho era Implantar a Rádio FM comunitária em Iporanga

Sr. João Motta



O Sr. Leardino Motta era casado com Dona Ernesta Pedrosa, que tiveram um filho com nome de Antônio Motta, que se casou com Dona Pedra Dias do Santos. O Pai do senhor João Motta se casou duas vezes, sua primeira mulher se chamava Clotilde de Moura Motta que veio a falecer. Com o falecimento de Dona Clotilde, seu João em 1983 casou com dona Maria Pereira da Cunha, Paraibana, que conheceu em São Paulo, em 1978. O Sr. João Motta trabalhou na lavoura, e depois, numa mineradora de chumbo no Lajeado, onde trabalhou 21 anos explorando chumbo. Existiam duas companhias de exploração de chumbo, Sr. João trabalhava na de Lajeado, a outra empresa era a de Furnas. Sua profissão era

ajudante de escorador, encanador e alinhador de caçamba. Seu João conta que quando ele era ainda garoto, via os índios passarem pelo Bairro da Serra, não sabia se era de medo, mas gostaria de brigar com os indiozinhos que ali passavam, se lembra um pouco do trabalho escravo que ainda acontecia quando ele era garoto. Recorda de uma história contada pelos seus pais, sobre um casal de escravo que foi arremessado num abismo de 65 metros no caminho que dá acesso para o sítio novo. Seu João foi duas vezes vereador de Iporanga, lutou pelo seu bairro onde deixou várias indicações de melhorias para o nosso município. Seu João acha que o turismo trouxe um grande benefício para comunidade, mais também acha que perdemos a cultura de cultivar as terras de nossos ancestrais.

Benedito Rodrigues (Bene)



Filho de Artur Rodrigues e Dona Isidória Dias Denis, nasceu em 21 de outubro de 1932, casou com 18 anos com

dona Benedita Motta de Rosário que nasceu em dezembro de 1936. Os pais de Dona Benedita era Dona Clara Fagundes e seu Jordão da Motta. Trabalharam na lavoura para sustentar sua família, depois seu Benedito foi trabalhar nas Furnas, mineradora de chumbo, devido à entrada do parque as Furnas fechou e seu Benedito passou trabalhar na prefeitura de Iporanga, fazendo valetas, junto com seu Florentino, aqui no bairro, para passar os encanamentos de água para vila. Dona Benedita conta que a história mais engraçada do seu Bene é que ele enganava seus pais, dizendo que ia à escola, mais na escola quase não aparecia. Lá só para ver ela, e chegava o final do ano não sabia como ele tirava notas boas. O Sr. Bene disse, como pescador, um dia sem querer achou um buraco nas beiradas do rio Betari, cavou um barranco e arrancou mais de 190 tapijara do covo. Conta também que aqui tinha um rio antigamente que desaguava no Betari que se chamava de Rio Criminoso porque Dona Rita da Motta, esposa do Sr. Salvador da Motta, morreu afogada ao querer atravessá-lo. Segundo ele, o rio Betari era muito mais bonito do que hoje, tinha bastante peixes, e o que era mais bonito, eram ver no mês de dezembro as piracemas dando aqueles espetáculos fluviais. O maior orgulho do seu Bene e de Benedita, foi se batizar na água linda e cristalina do rio Betari, finalizando nossa entrevista, disse que gostaria que os povos fossem mais unidos.

Sr. Daniel Rodrigues da Motta



Nasceu no dia 26 de março de 1935, casou com 18 anos, sua primeira esposa foi Dona Aida de Oliveira Motta, seus familiares são da cidade de Apiaí. Com Dona Aida de Oliveira Motta tiveram nove filhos, Mauro, Lauredir, Vanilsa, Zeli, Marilda, Valmir, Edson e faleceram dois. Dona Aida morreu com 45 anos, quando estava trazendo a luz para seu nono filho, onde houve um acidente, onde levou os dois para morte. Com o passar do tempo seu Daniel com 40 anos de idade casou com dona Maria Rodrigues da Motta, ela tinha 16 anos de idade e

tiveram quatro filhos, Altair, Eliton, Valter e Sandra. Seu Daniel trabalhou empregado nas Furnas e depois na SUDELPA, conta que antigamente as terras do Bairro Serra eram do senhor Ademar de Barros antigo político que lutava pelo Governo de São Paulo. Senhor Ademar de Barros vendeu as terras para o senhor Adrelindo Ferreira e sua esposa nomeia uma advogada de São Paulo. Com essas medidas tomadas, juntaram três advogados e elaboraram um documento, onde deixa claro que por ser nativo e morador da região, dava o direito do uso campeão destas terras, documento feito em Eldorado Paulista. Cada um dos moradores tinha que pagar naquela época um valor de cem mil cruzeiro, para adquirir este documento. Na época a comunidade já estava começando a crescer, e dentro dessa comunidade tinha uma tradição de muita importância que era a união do povo em fazer todo o trabalho agrícola em forma de mutirão, se lembra da casa grande, a casa da farinha, antiga casa de seu Antonio Rodrigues, onde todos faziam suas farinha de mandioca, rapadura, melado e doce de laranja, e logo atrás, da casa de farinha, tinham três monjolo que pilava o arroz da comunidade local durante o dia e a noite, que com o passar do tempo o pequeno córrego ganhou o nome de Córrego do Monjolo. Seu Daniel congrega na cristã e foi batizado em 1953, deseja que o nosso bairro ainda possa trazer um pouco da união resgatando a cultura local dos seus antepassados.

Sr. Joaquim Franco



Este vem contando sua história de uma época bem distante onde o Sr. Joaquim Furquim era casado com Dona Carlota, onde formaram uma família de seis homens, e eles se chamavam de Pedro Furquim, Joaquim Furquim, Tomas Furquim, José Furquim e Antônio Furquim. Sr. Pedro João Furquim, um dos filhos, casou com Dona Josefa Dias de Lima e tiveram sete filhos, e ele se chamavam Antônio Furquim de Lima, Francisca, Miguel, Augusta, Maria, Canuto, Vicente. Dona Francisca Furquim de Lima casou com o Sr. João Franco, um português que chegou através da exploração de minério, que acontecia naquela época, tiveram dois filho, João Franco Furquim e o Sr. Joaquim Franco Furquim. O Sr. Joaquim Franco nasceu na fazenda Furquim que ficava no Lajeado, trabalhou com lavoura e se casou com 21 anos de idade com Dona Nonátilla Nunes Franco, os dois

construíram uma grande família, tiveram nove filhos, Jorge Nunes Franco, Elias Nunes Franco, Ezaias Nunes Franco, Manoel Nunes Franco, Lionel Nunes Franco, Marilda Nunes Franco, Irineu Nunes Franco, Vanira Nunes Franco, Geni Nunes Franco e Orazil Nunes Franco. Aos 26 anos de idade, o Sr. Joaquim saiu da fazenda para trabalhar de compressorista numa firma de exploração de minério, como chumbo, ouro, prata etc., Trabalhou catorze anos. Só saiu porque houve uma redução de pessoal e também por causa de um plano de preservação rigorosa do Meio Ambiente. Com isso acontecendo, o Sr. Joaquim adquiriu um terreno no Bairro da Serra. Conta que com a vinda da estrada trouxe as famílias para outro lado do rio, aqui antigamente as casas eram longe das outras, e do outro lado do rio Betari a povoação era bem mais do que hoje. As famílias nesta época gostavam muito de morar em lugar de terra férteis e bem isolados, e com o progresso, pessoas de fora foram chegando, estrada sendo formada, a exploração e o desmatamento foram crescendo e a história foi acabando ficando só na lembrança, o que não se vê mais, são as crianças de pés descalços, nariz escorrendo, barriga grande, todo sujo de barro, não vê também as batidas de roupas na pedra onde as mulheres lavavam as roupas no rio Betari. Ficavam rodeada de criança tomando banho e brincando de pega pega em sua volta. O que se vê hoje se acabando, são estas histórias. São as festas tradicionais e da própria cultura local, isso não podia estar acontecendo. O Sr. Joaquim Franco é ancião da igreja Cristã, e se batizou no ano de 1953 nas águas cristalina do rio Betari, o seu maior sonho e que todo possam viver em paz e que o Bairro da Serra

possa se desenvolver um Bairro para todos, com uma ótima qualidade de vida e igualdade.

Martinha Dias de Moura



Nasceu no dia 10 dezembro de 1938, no município de Itaóca. Chegou ao Bairro no ano de 1964, foi criada pelo Sr. Dito Malaquia, que morava no Lajeado. Dn Martinha recorda do bairro no tempo em que o caminho de passagem estava virando estrada, feita a mão, um povo muito humilde e muito unido, das casas feita de pau a pique e dos mutirões que aqui eram realizados pela comunidade. Ela nunca esquece dos sofrimentos em que ela e o seu Senhor Francisco Rodrigues de Aguiar, seu esposo, faziam para sustentar seus filhos. Dona Martinha ajudou a criar os cinco filhos do primeiro casamento do seu Francisco com dona Madalena, os filhos de seu

Francisco com dona Madalena eram: Licio de Aguiar, Vicente de Aguiar, Maria de Aguiar, Zeno de Aguiar e Dona Elza de Aguiar. Com Dona Martinha seu Francisco teve dois filhos, Maria José de Aguiar e Lucidez de Aguiar. Seu Francisco era filho do senhor Claro de Aguiar Cardoso e de Dona Caetana Rodrigues de Cardoso, que veio se falecer no dia 30/03/1984, num período muito difícil que a família estava atravessando. Dona Martinha casou com seu Francisco onde juntos possuíram sete alqueires de terras. Ela jamais se esquece do mutirão feito pelo senhor Gonçalo de Andrade, onde reuniu a comunidade para colher sua roça de arroz e seu milharal, deixado por seu Francisco. Fizeram um paió com tarimba e um giral onde colocaram todos seus produtos ali colhidos. Dona Marta foi filha do Senhor Sergio Dias de Oliveira e de Dona Joana de Moura. Dos seus pais ela tem poucas lembranças, pois morreram na sua infância, mas recorda da sua adolescência onde corria, brincava e pescava debaixo da grande floresta, gostava de ir sempre à casa da farinha para ver a comunidade trabalhar. A coisa que ela mais sentiu chateada, nervosa e com muito medo, foi ser pressionada por polícia florestal por causa de uma vassoura de guaxuma. Com 66 anos, jamais teria coragem de cortar um palmito. Ela ficou com suas pernas tremendo, correu para o mato deixando sua vassoura de guaxuma para trás e passou muito mal em casa. Até hoje tem medo de ficar sem seu pequeno lar, o que sobrou de toda sua batalha. Seu divertimento é pescar no rio Betari e ver os turistas passar de bóia cross. Deseja a toda comunidade de hoje um futuro bem melhor, mais do que antigamente.

Dona Judite Motta Rodrigues



Começando por Dona Adelaide da Motta, foi mãe do senhor Antônio Ledislau Motta, casado com Dona Ercilia Motta, que tiveram uma filha com o nome de Judite Motta Rodrigues que foi casada com Senhor Florentino Motta Rodrigues. Ela nasceu no dia 21 de janeiro de 1933, casou aos 20 anos com Sr. Florentino e juntos tiveram nove filhos, Ivo, Adaide, Jabor, Nadir, Irineu, Sidnei, Robson, Nadir e Ede Mancha. Seu Florentino trabalhou na lavoura, na prefeitura, na caverna Santana e depois na SABESP e apoiou sempre senhor Geremias de Iporanga, nas campanhas políticas. Dona Judite fala que o turismo melhorou bastante a vida dela, mesmo não usufruindo desta fonte, mais acredita que para seus filhos e netos pode dar um grande retorno. Em sua linguagem ela finaliza dizendo que aquele tempo atrás que era bonito, mas também era feio de se ver as condições. Deseja que o tempo

não pare e nem volte atrás, porque as crianças de hoje não aguentariam a luta que era para sobreviver aqui.

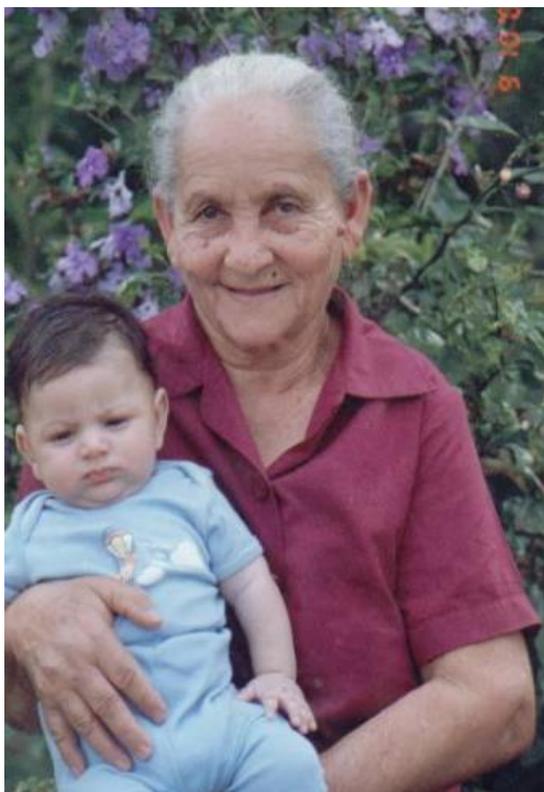
Dona Luzia Dias dos Santos



Descendente de índio com alemão, tem seu passado refletido de muitas lutas, batalhas sofrimentos e pouca alegria. Seus avôs, Antônio Rodrigues Denis, fugindo da Alemanha para África por causa da guerra com a Rússia encontrou Dona Antônia Pupa Gouveia, africana. Aqui tiveram uma filha com nome de Ercilia Pupa Gouveia que se casou com Vicente Furquim de Andrade e tiveram 10 dez filho, Benetita, Otávio, Maria, Joana, Ana, Soraide, Benjamim, Custódio, Isaias e Dona Luzia, que nasceu no Bairro da Serra no dia 16 de fevereiro de 1936. Toda sua família trabalhava na lavoura. Comida não faltava para ninguém. Eles criavam porcos, galinha, cabrito, cavalo e gado. Faziam mutirão aqui no Bairro da Serra, conhecido por Vilas dos Mottas.

Dona luzia disse que os tempos de hoje está muito mais diferente que os tempos de antigamente. Não tinha o turismo e as pessoas eram muito mais unidas. Hoje com essa potência de polo turístico, deixaram-nos uma doença de capitalismo, e uma grande perca cultural. O Sr. Clementino dos Santos, esposo de Dn Luiza, veio para o Bairro pela sua tia Marcimira que fugiu para o Bairro com seu Juvêncio. Dona Luiza casou com o seu Clementino quando ela tinha 16 anos. Batizou-se com 14 anos, e tudo que ela aprendeu, até fazer seu próprio nome, tudo foi através da Bíblia. Ela se lembra da época que seu Manoel Basto conseguiu a casa para o povo de Ribeirão Branco se reunir para fundar a Cristã, aqui no bairro da serra. Conta que ficava no mato escondida só observando, ouvindo os toques dos hinos, foi quando ela sentiu chamada por Deus para fazer parte de sua obra, sua mãe não interferiu na sua escolha, mas tinha o medo que seu padrasto, Abílio Alves, a não a aceitar em casa. As maiorias das pessoas eram católicas, e a cristã era pouco aceita pela comunidade, e com a luta e insistência do seu Manoel Bastos, conseguiram reverta este quadro pregando a palavra do senhor e aumentando seus rebanhos. O pai de Dona luzia, Vicente Furquim de Andrade morreu quando ela tinha cinco anos. A família tinha aqui 15 alqueires de terra. Por falta de dinheiro e opção de plantar, devido a entrada do parque (PETAR), já vendeu dez alqueires de suas terras. Seu maior orgulho é de ter se batizada nas águas cristalinas do rio Betari, no dia 22 de janeiro de 1952.

Dona Delfina Dias de Andrade



Nasceu no bairro da Serra em 26 agosto de 1926, filha do Senhor Peregrino dias e da Dona Maria Pires Conceição. O pai do Senhor Peregrino era o Sr. Sabino que era casado com a primeira Delfina Dias de Andrade. Dona Delfina herdou seu nome de sua avó, e este nome simboliza definições. Perdeu seu pai aos 11 anos, e sua mãe aos 31 anos de idade. Ela casou aos 18 anos com o Sr. Gonçalo de Andrade, todos trabalhavam nas lavouras. Sr. Gonçalo tinha seis alqueires de terra no Bairro da Serra.

Ele gostava de plantar arroz perto da cachoeira do Sem Fim. Escolheu este lugar para plantar para, de longe apreciar a brisa, a beleza da manhã e o espetáculo da tarde da cachoeira. Ele fazia rapadura e melado, gostava de trabalhar com a cana, tinha seus criames de animais, galinha, pato, cabrito, porco e cavalo. Hoje Sr. Gonçalo e Dn Delfina construíram uma família com quatro homens (Donias, Levi, Osilas e Ivo) e duas mulheres (Irene e Gemina). Dona Delfina congrega na cristã e se batizou no ano de 1952 em Rio Branco, ela recorda da luta e da batalha do senhor Manoel Bastos, José chumbo e Firmino de Andrade para trazer a cristã para o bairro, com muita batalha conseguiram o salão das furnas aqui no Bairro da Serra, e os cooperadores eram o senhor Chico de Andrade pai do senhor Juizas e o próprio senhor Manoel Bastos. Dona Delfina conta uma história do senhor José Furquim, tio do senhor Joaquim Franco. Por ele ter vindo de lá do Lajeado, da fazenda Furquim, a pé, calçando um chinelo de couro, uma precata, e seu indispensado óculos, que permitiu ver de perto um caminhão, que o deixou muito alegre e contente pela evolução do homem, em construir um caminhão e as máquinas para rasgar o terreno. Dona Delfina fala também de um documento feito por um advogado para comunidade, onde deixa muito claro o direito por nascer e morar aqui, e ganhar a questão do uso campeão. Ela Sente muita a falta dos peixes do rio Betari, e espera que o turismo traga mais alegria para povo de hoje, tem medo da grande mudança estragar o futuro.

João Elias Daitx



Sr. João Gaúcho, nascido em 21 de outubro de 1916 em Torres, Rio Grande do Sul, sua terra natal divisa de Santa Catarina. Nome de sua mãe era Mariana Gonçalves Daitx e seu pai João Gonçalves do Santos. Vendendo amendoim nas ruas da cidade de Torres, certo dia um caminhão parou e um caminhoneiro que transportava tábua perguntou a ele se ele gostaria de trabalhar em Capão Alto, Rio Grande do Sul, numa produtora de cinema, foi daí que seu João começou sua carreira, depois passou a trabalhar em edifício como o Astras, Montireys e outros. Participou também numa sociedade de gandoleiros onde tinha jogos, acampamento, campos de lazer. Chegou aqui no Bairro da Serra por volta dos anos cinquenta. Seu filho Elias comprou de Dona Julia Gonçalves da Motta, o sítio onde morava, e quando ele chegou aqui, no Bairro da Serra, sentiu uma riqueza da

terra, riqueza que são Paulo jamais teria em termo de beleza, ar puro, águas cristalina e de grande fertilidade. A coisa mais estranha que ele presenciou aqui era ver que as mulheres eram a que mais trabalhavam nas roças do que os homens, pois seus maridos trabalhavam na exploração de chumbo da antiga Furnas.

Seu João Gaúcho também cultivou a terra, plantou palmito, abriu uma área de camping. No final da vida, com pouquíssima visão, conta que da sua janela as vezes ouvia barulhos de carros passar, mais não conseguia nem mais ver o jeito dos carros modernos dos turistas, mais nunca se esquecia do barulho que tinha o fusca, na sua linguagem é o “fuca”, que naquele tempo o Sr. Antônio Rodrigues tinha, e era pilotado pelo senhor Florentino o encanador da SABESP do Bairro da Serra, que era pago por ele para levar as pessoas para Iporanga. Como a estrada era de péssima qualidade, resolveu um dia fazer uma aposta com o Sr. Florentino, para ver quem chegava primeiro em Iporanga. Adivinhe quem chegou primeiro? Isso com seu João tendo ainda arrumando a ponte no Betari, que ainda era de madeira, para o “fuca” passar. Chegando em Iporanga seu Florentino, desapontado disse para seu João: “_meus parabéns João você venceu!”.

Sobre o nosso lugar, seu João gaúcho fala e dá conselho, sempre ir para as cavernas com tempo bom e saber se nas cabeceiras não está chovendo, aconselha para não mais soltar foguete no bairro, por causa dos animais que estão se afastando e outros morrendo, que os carros não precisa transformar isso aqui em pista de Formula Um, e acha que com os desvios das águas, o rio Betari pode secar. Seu maior ídolo é sua mãe.

Quer dar uma gargalhada com seu João Gaúcho?

Este fato é quase meio parecido com que aconteceu com o senhor Sinésio aqui no bairro da Serra, eu mesmo nunca vi o seu João dar tanta risada do fato. O Seu João trabalhava na Trancal, Companhia de telegrafo no Rio Grande do Sul, antigamente alguns lugares ainda era por telegrafo, ele e mais um amigo davam a manutenção pintando os postes de piche. Certo dia, no cair da tarde, eles estavam num vilarejo e seu amigo foi no mato fazer suas necessidade, onde arriou a calça para baixo dos joelhos e, sem perceber, veio por trás um porco de mais o menos 95 kg e o atacou-o, investindo sua cabeça entre a calça dele. A briga foi tanta que o porco venceu, balançando sua calça no dente, em formato de bandeira de vitória. Seu amigo estava perto de um taquará e viu um cavalo. Montou em cima e saiu correndo para ninguém ver esta situação. Mas o que ele não esperava era que o cavalo queria aprontar com ele também, enquanto ele conduzia o cavalo para um lado ele disparou para o vilarejo onde só parou na pracinha, deixando o amigo pelado em público. O mais grave é que ele não deu nem tempo de limpar o danado, então você já viu a situação como ficou, o danado em pelo no cavalo branco. O pior foi uma assadura que ele pegou, deixando o Sr. João quinze dias trabalhando sozinho, pintando poste.

Família Rodrigues



Senhor Sinésio e Da. Dionísia, moradores tradicionais do Bairro da Serra, participantes do sofrimento da luta e da história do bairro. Têm seu passado coberto de segredos e trancado com sete chaves, tendo história mais linda e tradicional que aqui se perdeu muito rápido, histórias de você se gargalhar tanto dos sistemas operacionais do Bairro da Serra, história de

tristeza e muita luta para viver em sua adorada terra natal. Num tempo atrás, em que Sr. Sinésio, ainda adolescente, conta a vida de seus pais. Trabalhando na lavoura para sustentar sua família e, igual ao pai do seu Sinésio, Sr. Prasadino, havia outras famílias na mesma luta. Seu pai morreu mordido de cobra, onde seu médico, o curandeiro Pernambuco, aplicou em seu corpo uma vacina feita de ervas medicinais (arruda álcool e sal), que chegou a levá-lo a morte. Sr. Sinésio sempre ouvia seu pai falar que o Bairro da Serra é completamente o lugar da terra fértil, terra de água viva que ainda sai da fonte, sustenta família e famílias e vai chegar um dia que tudo isso vai se transformar em beleza natural. Foram às últimas frases de seu pai.

O Sr. Sinésio tem o maior respeito pela natureza, sofreu despejo..., e seguiu o caminho que Deus tinha te preparado, sofreu tanto que chegou a comer o pão que o diabo amassou, e hoje mora no seu palácio com sua família bem diferente do que era antes. Conseguiu condições divinas de Deus e da mãe natureza, para driblar a situação. Em seu passado que fica aqui neste ponto final,... Que só diz a respeito à sua família e de ninguém mais.

Dona Dionísia Rodrigues



Em 2004, Dona Dionísia comemorou seus 50 anos, é mãe de nove filhos e avó de 8 netos, trabalha na roça, e é cozinheira, costureira, lava roupa, faz sabão, artesanato e também ela faz salgados e doce como pastel, coxinha, pães doce, sonhos e cocada. Dona Dionísia é uma das pessoas evangélica do Bairro da Serra. Faz visita aos irmãos da igreja da cristã, igreja onde ela congrega, ela gostaria de ver paz e harmonia entre todos ser humano que vive nesta terra, é a companheira do seu Sinésio onde ela luta junto para sustentar sua família. Para quem não a conhece é só ficar alguns minutos conversando com ela, e vai sentir a riqueza e sabedoria de uma moradora local, do Bairro da Serra.

Quer dar uma gargalhada com seu Sinésio?

Um das histórias do seu Sinésio é marcação de porcos. Antigamente todos os afluentes do rio Betari eram limpos com monjolos e bica d'gua para conto de história e encontros amorosos. A memória dos moradores tinha as famosas privadas, outros faziam suas necessidades no mato. E quando estas pessoas iam ao mato, nas horas de alívio, fazendo força na sua necessidade, eram atacados por traz pelos porcos, eles davam fochada na bunda do camarada para sair logo, pois o porco estava com muita fome. Algumas vezes tinham que sair de casa meio assim; assobiando para enganar os porcos que não dava sossego na hora da necessidade. Foram criados estaleiros para fazer os serviços trepados, e assim foi arrumado um jeito de dar o troco para esses animais. Em cima dos estaleiros, dava para acertar os inimigos abaixo, dava para até mesmo para escolher a vítima, e fazer a pontaria para soltar o torpedo. O Sr. Sinésio falou que acertava só na cabeça dos porcos para pagar uma dívida do passado onde foi várias vezes foi empurrado por eles. O papel higiênico cheiroso de hoje quebrou a tradição do invento tradicional na época, pois o mais requisitado era o sabugo de milho, que depois debulhado o milho ficava com as cavidades parecendo escama de peixe, que quando passava aquilo no lugarzinho sujo, vinha tirando tudo, mais tinha que passar com moderação para não ferir o danado. No estaleiro o sabugo se prendia com uma cordinha, pois com um jeitinho dava para usar duas ou três vezes, até cobrir a grossa do sabugo econômico.

Odorico Alves de Lima



Casado com Ana Moura de Lima (pais do Cidão) tiveram 5 filhos e adotaram uma menina. E essa menina tinha dois anos, loira, ela era nossa irmã de cor diferente onde todos perguntavam como pode, se tornou uma grande Mulher, e nunca sentia essa diferença. Algumas pessoas achavam incrível, e às vezes, ouvíamos dezes, de como pode uma criancinha branca convivendo com gente de outra cor. Meus pais a educaram onde nem nois e nem ela não sentia o que alguns pensava, mais isso foi se acostumando e o povo também. Hoje ela é uma grande mulher onde seu marido é de nossa origem também, e ela agradece muito pela educação que esteve com meus pais. O nome dela é Rosinete e pra nois, e pra ela, somos todos Lima.

Arabelo da Silva



Sr. Arabelo nasceu no dia 01 de agosto de 1937, filho de João Florindo da Silva e Maria Muniz da Silva

Seu Arabelo explicou um modo de pegar peixe também. Pegava um canudo de taquara, cortava uma parte, e ficava aquele buraco, e colocava querosene e uma rolha, ou de papel ou de jornal ou se não de pano, e acendia fogo, para enxergar o peixe, e saía pelo rio, pegando peixe...esse nome dessa caçada chama-se fachia! Nós ia fachia, trazia sacada de peixe para dentro de casa. Aninha..tudo de casca, pituva e outros peixes brancos.

Tinha um homem, eu conheci o homem, mas não vou falar o nome dele. Ele pegava meu finado pai, mãe e outros companheiro e ia para a Ribeira. O nome da caçada se chamava tarrafia, ou se não lanciar. Tarrafiar usava tarrafa, lanciar leva a rede. Então ia um lá e caçava querela, peixarada, bastante, não pouco. Chegava em casa, comer aqueles peixes. Um garrafão de

pinga, um chaleirão de café. Um PANELÃO de peixe cozido. Eu comendo peixe, tomando pinga, tomando café. Fumando. Contando história, dando rizada. Tinha um homem que comia dezoito aniã. Outro comia duas, três. O homem falava, dava rizada e falava: “_você não sabe come peixe!”. “_ Não vamos comer peixe?”. Ele pegava uma colher e passava por dentro do peixe, e comia a carne e deixava a casca de lado.

Tem outro assunto, que ele falou...Que eles eram tudo junto, reunidos, em casa, doze filhos então era catorze na casa. E enorme de roça, nós vaziamos plantação de arroz, milho, cana...mandioca, banana, batata...e outras plantas. Meu pai fazia, o ano que fazia mais pouco, três, quatro mutirão. Um de roçado, um de plantagem, um de carpida, e um ou dois de colheita de arroz. Teve uma ocasião, que fizemos uma roça. Plantemos 400 litros de semente de arroz, 250 litros de milho, só numa roça só. Formou muito bem, produziu bem. Quando o arroz estava maduro, fizemos um mutirão de colheita de arroz. Reuniu 110 pessoas na roça colhendo. Nós tudo conhece, uma vasilha por nome de cesto, que nós fala. Deu 110 cesto de arroz, cada cesto ia um arqueire de arroz. Só que o arroz nos perdemos todo. Porque foi só o começo da colheita. Não pode empilhar no mesmo dia que colhe, porque o talo do arroz tá verde e ardeu todo...110 cesto de arroz, e a roça ficou feito só o começo. Daí, para terminar a história, nesse dia, sabe quanto porco nós comemos? Porco gordo, mais ou menos de uns 80 kg cada um...Três porco!. O baile que nós fala, se chamava baile, agora é forró. Quando chegou à noite. Na colheita já tinha 110, de noite reuniu mais de duzentos. Um dançava, outro brigava e quebrava o pau. Porque quem trabalhava de dia não gostava daquele um que vinha de noite. Do baile se importava. O de dia tinha ciúme, não gostava daquele que vinha de noite,

prejudicando a dama. Quando o que vinha de noite chamava para dançar, o pau quebrava. E a história termina agora.



Depoimento acima tomado por seu filho, Silnei florindo da Silva.

A Lenda do Neguinho D'água

O Vale do Ribeira é um dos lugares do Estado de São Paulo mais rico em biodiversidade, esplêndido também em contos e histórias, como temos uma gama de variedades destes aspectos, já escritos e contados então, jamais poderia faltar um mito legendário: O Neguinho D'água.

Como surgiu a ideia. Durante a realização de um projeto de Educação Ambiental, fui surpreendido com o grandíssimo interesse dos alunos sobre o legendário Neguinho D'água.

Como sabíamos muito pouco dessa história, eu e minha equipe prometemos aos “pequenos curiosos”, um tempo para tentarmos resgatar essa história e podermos tornar explícito a eles.

Como ainda são contados pelas pessoas mais antigas daqui da região, alguns até juram ter visto o Neguinho D'Água em alguns lugares da floresta, afluentes no rio Ribeira de Iguape.

As mulheres e crianças temiam enxergar esse espectro, pois ele assustava até mesmo os homens que usavam um meio de transporte chamado canoa (macucas), e também para caçar, pescar pela região. As mulheres ribeirinhas lavavam roupas no rio Ribeira e contam que às vezes, quando estavam batendo as roupas nas pedras do rio, sempre eram surpreendidas pelo Neguinho D'Água, sentado nas pedras, assobiando e olhando para elas.

Nunca ele as atacou, mas a fama dele assustava todos os ribeirinhos.

Os comentários que saiam eram bem aguçadores, onde era impossível achar que não fosse algo verdadeiro.

Quando o Neguinho D'Água vinha por cima do rio, formava-se uma grande onda, depois baixava de repente e quando tudo acalmava não se escutava nem um piar dos grilos, a não ser um canto muito triste de um pássaro noturno, o urutau, onde todos também se sentiam assustado ao ouvir seu canto. Poucos minutos, depois aparecia o Neguinho D'Água por baixo das canoas. Ele agarrava nas bordas e sacudia, para derrubar quem estivesse nelas. Algumas vezes os canoeiros, ao ver a mão de uma pessoa sacudindo a canoa, eles com o remo ou facão tentavam cortar os dedos do neguinho da água. Contam essa história com os punhos fechados para se identificar com a figura que haviam visto.

O tempo foi passando e esse mito foi se acabando, sem saber que fim se deu a história do Neguinho D'Água do Vale do Ribeira.

Quais foram os caminhos para resgatarmos essa história? Através de entrevista com cinco moradores da região, onde com muito prazer esmiuçaram essa história.

Os entrevistados foram Dona Marta Dias de Moura, a Martinha, Sr. Sinésio Rodrigues, Sr. Izidório Monteiro, Sr. Odorico Alvares de Lima e Dona Ana de Moura de Lima.

No Vale do Ribeira, eram contadas diversas histórias e contos, segundo nossos historiadores, o Neguinho D'Água já era algo diferente, pois eles declararam presenciar parte da lenda. Eles relatam que antigamente viviam num mundo completamente diferente, comparado com esse dos dias de hoje, era um mundo de magia, bruxaria e de macumba, um mundo muito

misterioso cheio de surpresas, de muito sofrimentos, conflitos e desconfianças, e os contos eram hereditários.

A história é conhecida no Vale do Ribeira inteiro, sobre o menino que andava correndo nas matas, aparecendo em alguns pontos do rio Ribeira de Iguape e seus afluentes, muitos até hoje conhecem esse conto de uma forma fantástica, gostosa de ser ouvir.

Resolvemos selecionar dos contos esta história, as partes mais emocionantes e agradáveis desta obra, transformemos em vídeo interativo para poder transmitirmos aos alunos, um pouco de nossa cultura e nossa beleza natural que é o Vale do Ribeira. Primeiramente precisaremos saber como apareceu este menino e como foi que surgiu essa história.

Relatos contam que aqui no Vale do Ribeira rondava uma pessoa muito estranha que não sabia se ficava mais do alto ou do baixo do Vale do Rio Ribeira, muitos tinham receio dele, pelo o que ele fazia, prática de macumbaria, algumas pessoas falavam que ele comia carne humana e sua casa ou era na mata coberta com folhas de bananeiras ou na maioria das vezes era em uma caverna.

Em um desses relatos moradores, contam que ouviram conversa dele no meio do mato falando sozinho e muito nervoso. Conversa vai conversa vem, muitos diziam que ele falava de comer uma criança recém nascida para ficar forte, com medo desses boatos todos tinham grande receio dessa assombração. Ele tinha cabelos compridos, barbudo, roupa preta rasgada e larga e seu cinto era um cipó de embira, usava sete correntes de capia e andava descalço.

Teve um tempo que ele desapareceu, e ninguém ouvia falar mais nele. Num final de tarde no sítio de Dona

Maria, onde todos estavam chegando da roça e se ajeitando para um descanso, para tomar aquele Mooca da tarde, Dona Maria colocou seu filho recém-nascido na cama e foi arrumar a casa. Saiu falou com sua irmã, pediu a ela para voltar pra roça e ajudar o pai, o Sr. José, pois estava demorando a chegar. Custódio e seu irmão estavam partindo lenha e tratando das criações, enquanto isso, do nada, aparece um homem fazendo ronda na casa, parecendo que ele tinha um faro de criança recém nascida, e foi atrás do bebê de Dona Maria. Ao entrar pelas portas do fundo da casa foi até a criança pegou-a pelos braços e saiu correndo, ao sair da casa seu braço bateu na prateleira cheia de panelas que caíram no chão fazendo um grande barulho. Dona Maria ao ouvir isso olhou para trás e viu seu filho sendo levado por aquela assombração. Ela gritava: “_pega assombração!”, “_pega assombração!”, ali formou aquela perseguição, pessoas, cachorros, cavalos, todos foram tentando salvar o bebê.

Dona Maria chamou seu sobrinho Catarino, ele veio querendo saber o estava acontecendo, ela implorou para que ele chamasse seu pai e contasse que a assombração tinha levado seu filhinho, Senhor José e Catarino chegam ao sítio e Dona Maria implora para que eles ajudem a salvar seu pequeno bebê, ela pede para o compadre José ir atrás do Dito Coisa Ruim e falar que se ele trouxer seu filho de volta e caçar a assombração, ela daria suas terras que ele estava querendo comprar.

Dito Coisa Ruim, também era um cara muito estranho, apareceu no Vale do Ribeira, comprador de terras um cara forte, andava meio mancando e nunca largava seu facão, andava sempre com ele na mão sem bainha. Para ele não tinha tempo ruim. Viajava sempre à

noite nesses cafundós do sertão. Também conhecido como comedor de cobra, e sua comida tinha que ser bem apimentada. A comida preferida era arroz cozido com macaco.

Além de Erculano, Custódio, Sr. José, conversa com Dito Coisa Ruim sobre a proposta de Dona Maria, caso ele encontrasse a assombração e o filho dela, proposta aceita a procura desse menino e da assombração foi implacável, porém o contato com o menino foi somente depois de seis anos do aparecimento desse neguinho D'Água.

Para o Dito Coisa Ruim esta história caiu como uma luva, pois estava muito revoltado com as coisas que estavam acontecendo em seu sítio também, desaparecia suas criações e algumas vezes invasão de sua casa e isso acontecia sempre que ele não estava, e durante a noite, ele não sabia o que amedrontava seus animais.

Ele tinha uma grande desconfiança de que quem fazia tudo essa arruaça era a assombração das cavernas ou então o Menino D'Água.

Para o Dito Coisa Ruim, juntou-se o útil ao agradável, pois ele tinha uma sede de estrangular a assombração e o menino seria a conquista das terras que tanto desejava. Enquanto isso o Erculano e seu Irmão Custódio foram atrás da assombração, e foi numa travessia de um rio, em cima de uma ponte que a assombração se desfaz da criança e a joga no rio, onde jamais foi encontrado seu corpinho, desapareceu também a assombração se camuflando no meio do mato.

A procura desses dois elementos aconteceu durante catorze anos, de manhã, à tarde e à noite, direto. Para andar nesta mata tinha que ser um ótimo observador para não cair nas armadilhas que o Dito Coisa Ruim montava,

para pegar o menino ou a assombração. Alguns pontos estratégicos da mata eram cheios de armadilhas, algumas vezes acontecia grandes perseguições inclusive em uma delas ele até pegou o Neguinho D'Água, mas infelizmente foi por pouco tempo. O menino escapou.

Depois desse grande contato com o Menino D'Água, Sr. Dito vai até a casa de Dona Maria dar satisfação de seu trabalho e falar do menino, disse para ela que se não fosse a assombração ele já teria pego a criança. Ele disse a Dona Maria que a criança sabia que estava sendo perseguida por duas pessoas isso dificultava muito o contato com o menino, mas prometeu que ainda iria trazer esse menino. Não seria pelas terras, mas por ver uma mãe muito desesperada para ver seu filhinho de volta.

Dito Coisa Ruim mudou de estratégia e partiu com tudo para cima da assombração, para afastar do caminho e ficar mais fácil o resgate do menino, e assim foi.

O mais azarado dessa história foi a assombração.

O Dito Coisa Ruim, grande caçador conhecido em todas redondezas, ele saía e perguntava para as comunidades se alguém tinha visto algo de estranho passando pelas redondezas, foi aí que conseguiu obter uma informação fatal, que resolveria o fim da ameaça.

Então o Dito armou um cerco e atçou seus cachorros por um carreiro, durante a perseguição os cachorros emparedaram a assombração sobre uma rocha calcária bem alta, mas ela ainda escapou dos cachorros, mas isso já era uma estratégia que fazia parte do plano do Dito Coisa Ruim, onde esperava essa visão, pegar a assombração de peito aberto, com seu facão atravessado na boca e uma rede que era abençoada, que havia sido benzida, por um famoso benzedeiro da região.

Ali, camuflado no mato, percebeu um vento forte e um vulto preto passando em sua direção e saiu correndo, gritando que hoje era o dia de sua morte ou de sua conquista. Seria aquele dia o grande dia. A correria foi até as margens do Rio Ribeira, lugar muito sinistro conhecido como funil de São Gonçalo, em Iporanga. Dito Coisa Ruim percebeu que chegou antes da Assombração e viu no céu as nuvens todas ficando escuras, vento muito forte e mormaço quente se aproximando dele, então bem depressa fez uma simpatia com seu facão, fazendo sinais como se fosse repartir o vento, em forma de cruz, e esticou sua rede no funil e saiu correndo procurar abrigo, bem distante dali. Muito assombrado com a fúria da natureza, que para ele era fora do normal, durou toda tarde e até altas horas da noite, com trovoadas e relâmpagos.

Dito Coisa Ruim, cansado e muito assustado, encontrou um lugar para ficar á noite, e por incrível que pareça era uma caverna, a casa da assombração. Lugar muito espantoso, foram encontradas muitas ossadas de bichos silvestres que foram devorados, um forte cheiro de carniça naquele lugar, mas não tinha outro jeito. O lugar para ficar até o dia amanhecer era ali mesmo. Para o Dito Coisa Ruim, esta caverna ficou conhecida mais tarde como caverna do Geremias.

No dia seguinte, um lindo dia amanheceu, havia muitos cantos dos pássaros e uma notícia alarmante que percorreu todo o Vale do Ribeira, falando sobre um homem muito feio cheio de cicatrizes, unhas grandes, barbudo e muito fedido estava morto enrolado na rede do caçador Dito Coisa Ruim.

Muitas romarias, de pessoas de tudo quanto é lugar, foram ver aquele vulto preto, preso nas redes, até que um dia sumiu sem ninguém saber o que aconteceu.

Deste dia em diante, o povo Ribeirinha percebeu que houve uma grande calma e paz nas redondezas, e passaram a acreditar nesta história e foram se esquecendo da história atual, onde o Neginho D'Água também sumiu sem deixar vestígio nenhum.

O Vale do Ribeira além de ser um lugar maravilhoso, rico em belezas naturais e cultura ribeirense traz também muitas histórias e contos fantásticos como esse, eu me orgulho muito de poder trazer um pouco de nossa cultura as pessoas que desconhecem os contos históricos Ribeirinha.

Fui surpreendido com o interesse dos alunos sobre a história do legendário Neginho D'água, estudantes da Escola Vitor Rodrigues da Motta, como sabíamos muito pouco dessa história, eu e minha equipe prometemos, principalmente aos alunos, compartilharmos essa ideia fantástica de reviver essa história, esse mito e para ficar bem interessante e agradável para a criançada e público em geral criamos um filme personalizado para ficar como recordação a todos. Contamos com vocês para próxima batalha

Iporanga e seu jeito próprio de falar...
assim como em grande parte do Vale do Ribeira

Expressões usadas na região até hoje e seu significado.

Abracá - abraçar, envolver.

Aficoado - limpo

Aíva - indisposto, sem graça.

Baê - vulto, fantasma.

Bordejo - volta passeio.

Breá - sujar, lambuzar.

Catavevêr - resto de incêndio, cinzas.

Consertar (peixe) - limpar

Cóxa - dêr arranjo intestinal, cólica.

Criqué - mal - estar, vertigem.

Eito - medida, um tanto.

Esgangalhá - estragar

Espiá- olhar, avistar.

Furdunço- bagunça

Fuzil- relâmpago

Lida- trabalho

Macuca- canoa sem proa

Mainga-(interjeição) Que pena!

Mareio- mal-estar

Medonho- muito feio

Nhanhá- menina

Pinchar- jogar, lançar, atirar.

Pitiu- cheiro de peixe que não desgruda da mão.

Poita- pedras ou pesos que ajudam a ancorar a rede.
Rebojo- vento forte
Sananga- mole
Suruca- afunda
Sururu- confusão
Taipa- bola de mato flutuante
Pirambeira- ladeira ou barroca
Diconade- daqui a pouco
Na verada- de lado
Di conheém- de lado
Di vereda – de uma vez só
Manhanga – imaginar
No fundo do cafundó – lugar distante
Modeque – Por causa

Benedito Dias Rodrigues



Canto e história Benedito Dias Rodrigues Tem o maior carinho pela sua cidade, o seu amor é tão grande que ele expressa em forma de canção. De sua própria autoria Iporanga

Iporanga

AAA... Se Deu me desse o poder de ser poeta,
com a inspiração correta pra escrever essa canção
Ponha pra fora o que este preso aqui dentro peguei
naquele momento

uma caneta em minhas mãos
Vejam bem a igreja onde se batizei onde a primeira vez
que abri meus olhos e sorri,
onde calcei o primeiro sapatinho
tomei banho no rizinho e da chupeta e esqueci.
Estou falando de Iporanga meus amigos quero que cante
comigo e sinta mesma emoção nos enxugamos rostinho
em uma só toalha
o preço dessa medalha e que divide os corações.
AA...Quem desta água tomar e lavar as mão pisar nas
areia do chão sentar no banco do jardim Volta depressa
repousar neste tesouro
pisar em cima do ouro e na tristeza dar o fim
Quem não conhece o murmurar das cachoeiras neste
lindo rio Ribeira traz de longe a emoção A chuva mansa
cobre os montes como véu ate parece que meu céu este
pedacinho de chão. Mata verde que hoje é beleza rara
que cantar com o canto da cigarra afinei meu violão
Cante comigo catar com os passarinho aqui não tem mal
vizinho aqui não tem poluição AA...Quero que volte
breve mente meus amigos abraçar seus pais querido e
beijar a suas mão Venha viver a festa da padroeira ver as
morenas faceiras e bandinha do leilão Venham depressa
pois a nossa vida é curta vamos passear nas gruta a mais
rica construção Muito obrigado Jesus por este presente
que fez a água corrente minar debaixo do chão
Não há dinheiro que me pague essa herança tenho à
como lembrança e preciso cultivar Eu sou apenas um
posseiro de Jesus quando entregar a minha cruz fica
outro em meu lugar.

Missão concluída

Para nós esta viagem ao tempo, foi o sonho para fechamento de nossos trabalhos, o Grupo GAPMA há oito anos vem fazendo estas pesquisa e entrevistas para resgatar as raízes de nossas histórias, e como a nossa região e cheia de tantos mistérios e contos, deixamos aqui para futuras gerações um pouco da história Brasileira que aconteceu no Município e também no Vale do Ribeira Região Sul Estado de São Paulo. Podemos receber algumas críticas, mais isso para nós, vai ser muito bom, por que na verdade, história como esta, surgiram com muitas versões, e o importante no momento agora, e que ela vai ser lembrada, e sempre contadas de vários sentidos, mas baseada no mesmo assunto. Muito Obrigado Alunos que ajudaram neste trabalho.

Iporanga, dezembro de 2022

O autor.



Benedito Alvaristo Alves e Benedita Elvarista de Lima –
avós do Cidão.

Sobre o autor



Cidão, ou neguinho como é conhecido em Iporanga, nasceu em 08 /09/67 no Quilombo da Praia Grande, às margens do Rio Ribeira de Iguape, rio acima de Iporanga, onde atualmente é montada a barcaça da procissão da Santa. Seu pai, Odorico, era do Quilombo João Surá, mas sua mãe, Ana Moura, de Praia Grande, onde iniciaram a família. O pai logo começou a trabalhar na mineração de galena, na Empresa Plumbum, em Adrianópolis, para onde a família se instalou, na vila dos moradores. Lá estudou e se iniciou no futebol, uma de suas paixões.

Anos depois, seu pai foi convidado para trabalhar em outra mineração: a Rocha. Com o dinheiro da Plumbum, o pai conseguiu comprar uma casa em Iporanga...que a família tem até hoje, na Rua da Praia, onde mora o irmão. Cidão passou a trabalhar também na empresa Rocha, na separação do minério, concentração, e já chamava atenção o seu jeito de jogar futebol, o que o levou para Santa Catarina, Florianópolis, onde ficou quatro anos, treinando futebol, já com a sua família que se formava. Tentou, com dificuldade, fazer sua carreira no futebol, quando um tio conseguiu que ele fosse para o Clube São Bento, em Sorocaba, onde não ficou nem um ano, devido às dificuldades. Foi para Itapetininga para um outro time, onde ficou pouco também, por não conseguir se manter financeiramente. Recebeu então o convite de uma empresa nipônica, Nisshimbo, onde pôde trabalhar e jogar futebol, ainda em Itapetininga, por quatro anos. A família crescendo, fez com que ele abandonasse de vez a carreira futebolística. Retornou para Iporanga e passou a trabalhar na construção civil, tendo trabalhado na construção do prédio novo da Prefeitura de Iporanga. Nesse meio tempo...encontrou uma carteira com dinheiro, esse achado iria mudar sua vida, sem ele saber.

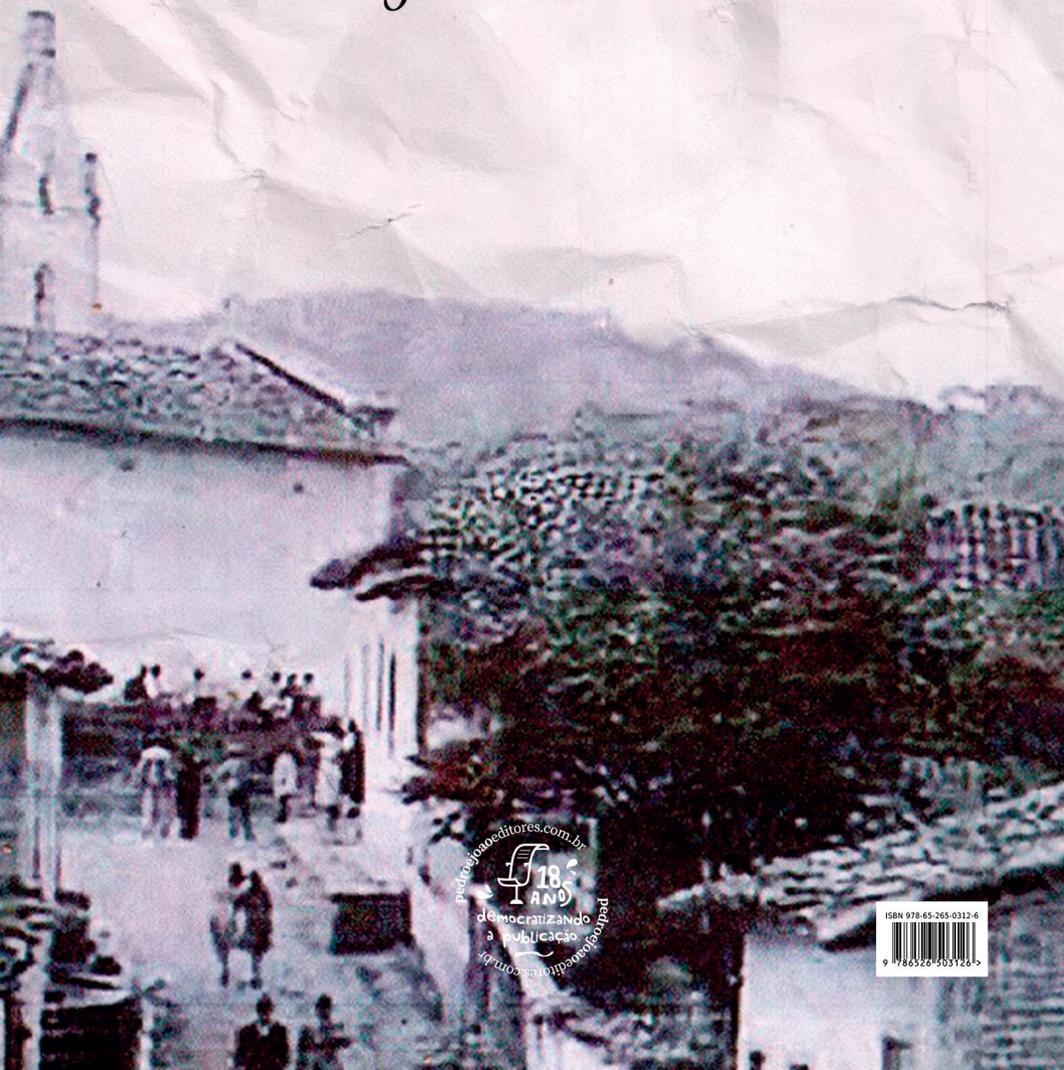
Foi até o banco, para saber do dono. Era Vandir de Andrade, e falaram ser da Serra, com a referência de ser uma pessoa que trabalhava com as cavernas, para onde foi, de bicicleta, com um amigo, para devolver... Vandir já tinha a pousada, hoje Pousada da Diva, sua esposa, mas eram ainda casas de pau a pique. Lá se encontraram com o Sr. Vandir e mostraram a carteira, sendo logo abraçado com força, e convidado para irem até o fogão de lenha, onde ofereceu comida. Sr Vandir queria dar dinheiro, não

tinha como agradecer, mas eles não aceitaram. Ofereceu serviço de uma pequena reforma, ao saber que trabalhava com construção, o que aceitaram. No intervalo da reforma, jogava bola no campo do bairro e foi se afeiçãoando como o povo da Serra. Ao ser mais conhecido, foi convidado para a obra de outra pousada no bairro, a qual, depois de pronta, passou a gerenciar, iniciando-se no turismo.

Participou do primeiro curso de formação de monitor, mas não trabalhava muito ainda como guia, preferia explorar abismos e esportes radicais, talvez uma forma de substituir sua paixão pelo futebol. Mas se rendeu ao trabalho tradicional de turismo, mas com ênfase na Educação Ambiental. Adora trabalhar com estudantes, o que o levou a fazer o presente resgate cultural e histórico, a pedido dos mesmos.

Fonte da parte histórica inicial.
Blog de Roberto Fortes
<https://robertofortes.blospot.com/>

*História de Iporanga
escrita por seu povo,
do seu jeito caboclo de ser...*



pedagogosoceditores.com.br
18
AND
democratizando
a publicação
pedagogosoceditores.com.br

ISBN 978-65-265-0312-6



9 786526 503126 >